

O vínculo perene entre saúde, violência e liberdade

Euler de Oliveira*

O Rio de Janeiro defronta-se com múltiplos problemas em diversas áreas, que se vêm sucedendo sem solução por vários governos. Problemas, por exemplo, na área de engenharia, como ruas não pavimentadas, iluminação precária, telecomunicações, etc.



Agigantam-se, contudo, os problemas nas áreas de saúde, educação e violência, tornando a vida dos fluminenses quase insuportável.

Após longos anos de atuação na saúde, já que trabalhei como médico em diversos hospitais, entendo que a solução de tais problemas é política.

A precariedade dos serviços de saúde é talvez uma das piores formas de violência, porquanto atinge o cidadão inteiramente sem condições de defesa. A violência é contundente porque mostra, em toda sua crueldade, as formas mais brutais de extinção da vida de pessoas inocentes, emergindo então as formas mais diversas de combate, tais como penas elevadas, prisão perpétua ou pena de morte. Todas essas soluções são complexas e emudecem o povo, que, perplexo, não sabe qual escolher. Quanto à violência da saúde não é menor a perplexidade — os meios de comunicação falados e televisados exibem quadros que melhor ficariam se compusessem um dos capítulos da Divina Comédia.

Crianças, mulheres e idosos gravemente enfermos são abandonados sobre catres, que apelidam de leitos, sem a menor assistência médica social, ávidos de vida, para gáudio próprio e de seus familiares aflitos, que inundam seus rostos de lágrimas. Emerge dessa situação a certeza de que só haverá um meio de mudar esse estado de coisas: a política. A política sadia, exercida por ho-

mens de bem, apaixonados pelo desejo incontido de servir ao seu semelhante. Os que assim não procedem na política se transformam no pior analfabeto, que, no dizer de Bertolt Brecht, não ouvem, não falam nem participam dos acontecimentos. Estufando o peito de tão burros que são para enxovalhar a ciência política, já dita, a ciência dos deuses; gerando o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos políticos, o vigarista, corrupto e laçoio dos interesses dos poderosos. Poderosos à custa dos miseráveis.

Todas essas considerações conduzem a um outro pilar da vida humana que é a liberdade. Liberdade que talvez seja mais importante do que a satisfação das necessidades físicas da vida porque ela é o pão que alimenta a alma.

No mundo moderno existe o repúdio generalizado. Há aqueles que tentaram sufocar no peito o grito de liberdade, mantendo os grilhões da força opressiva a que procuram submeter as minorias oprimidas. E assim surgiram Mandela, Martin Luther King, grandes líderes que dedicaram suas vidas à felicidade dos oprimidos.

Ser livre é o direito de fazer. É o direito de criar e acalentar os anseios de progresso e justiça social. É criar lideranças efetivas que conduzem os povos pelo caminho da paz e de amor à humanidade.

Não existe bastança sem o despertar livre capaz de ouvir o gorjeio dos pássaros e os sorrisos inocentes das crianças. E a liberdade não é um sentimento novo, mas foi durante muito tempo reprimido em todos os quadrantes do mundo.

A liberdade é um anseio antigo cantado pelo maior poeta do Brasil, Castro Alves, no memorável e imortal "Navio Negreiro". Há, portanto, nitidamente, um entrelaçamento indestrutível entre saúde, violência e liberdade.

* Presidente da Casa de Saúde Rénaud Lambert (RJ).